

CONTINUANDO A EXPANSÃO

Desempenho da Vale no 1T10

BM&F BOVESPA: VALE3, VALE5
NYSE: VALE, VALE.P
EURONEXT PARIS: VALE3, VALE5
LATIBEX: XVALO, XVALP

Rio de Janeiro, 05 de maio de 2010 – A Vale S.A. (Vale) apresentou sólido desempenho no primeiro trimestre de 2010 (1T10). Isso reflete, principalmente, nossos esforços para minimizar custos e a forte recuperação da demanda global por minérios e metais.

Como consequência das mudanças estruturais no mercado global de minério de ferro, chegamos a acordos, permanentes ou provisórios, com todos os nossos clientes de minério de ferro ao redor do mundo para alterar os contratos existentes para preços baseados em índices¹. A implementação do novo sistema de preços começará a ser refletida em nosso desempenho financeiro a partir do segundo trimestre de 2010.

Nossa estratégia de crescimento abrange uma variedade de opções para criação de valor de forma sustentável, compreendendo o desenvolvimento de um extenso *pipeline* de projetos, aquisições estratégicas de ativos de classe mundial e de gestão do portfólio de ativos, que representa uma importante opção para otimizar a alocação de capital e o foco de atenção da administração.

Temos tido uma postura pró-ativa para a otimização de nosso portfólio de ativos, realizando transações envolvendo, nossos ativos de alumínio, a aquisição de ativos de fertilizantes de classe mundial, o que nos permite criar uma forte base regional de operações no Brasil, um dos principais mercados consumidores do mundo, e de Simandou na África Ocidental, uma das melhores jazidas de minério de ferro não desenvolvidas do mundo, que combina alta qualidade com grande escala. A disponibilidade de Carajás e Simandou nos permite ter o melhor e o maior potencial de crescimento na indústria global de minério de ferro.

Os principais destaques do desempenho da Vale no 1T10 foram:

- Receita operacional de R\$ 13,0 bilhões no 1T10, 8,1% a mais que os R\$ 12,0 bilhões no 4T09.
- Lucro operacional, medido pelo EBIT (lucro antes de juros e impostos), de R\$ 4,0 bilhões no 1T10, 78,1% acima do 4T09.
- Margem operacional, medida pela margem EBIT, recuperou-se para 32,0%, contra 19,3% no 4T09.
- Geração de caixa medida pelo EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização), subiu para R\$ 5,4 bilhões no 1T10 de R\$ 3,7 bilhões no 4T09.

www.vale.com
rio@vale.com

Departamento de Relações com Investidores

Roberto Castello Branco
Viktor Moszkowicz
Carla Albano Miller
Patricia Calazans
Samantha Pons
Theo Penedo

Tel: (5521) 3814-4540

¹ Sobre a precificação do minério veja o box: “A precificação do minério de ferro: em busca da eficiência” na página 8.

- Lucro líquido de R\$ 2,9 bilhões, equivalente a R\$ 0,54 por ação diluído, ante R\$ 2,7 bilhões no 4T09.
- Investimentos atingiram US\$ 2,2 bilhões, com US\$ 1,7 bilhão gastos em crescimento orgânico e manutenção.
- Aquisições: entramos em acordo para adquirir ativos de fertilizantes no Brasil e ativos de minério de ferro na África Ocidental, envolvendo US\$ 8,2 bilhões, a serem pagos a partir do 2T10.
- Remuneração ao acionista de R\$ 2,198 bilhões, ou R\$ 0,42 por ação, paga em 30 de abril referente à primeira parcela do dividendo mínimo para 2010.
- Sólida posição financeira, apoiada em um expressivo caixa de US\$ 11,1 bilhões, disponibilidade de linhas de crédito de médio e longo prazos e endividamento de baixo risco.

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

<i>R\$ milhões</i>	1T09(a)	4T09(a)	1T10	%	%
	(A)	(B)	(C)	(C/A)	(C/B)
Receita operacional	13.179	12.048	13.029	(1,1)	8,1
EBIT	4.149	2.260	4.025	(3,0)	78,1
Margem EBIT (%)	32,1	19,3	32,0	-	-
EBITDA	5.448	3.717	5.385	(1,2)	44,9
Lucro líquido	3.150	2.708	2.879	(8,6)	6,3
Lucro líquido por ação (R\$)	0,49	0,59	0,54	10,2	(8,5)
Exportações (US\$ milhões)	3.339	3.582	4.510	35,1	25,9
Exportações líquidas (US\$ milhões)	3.068	3.485	4.246	38,4	21,8

As informações financeiras e operacionais contidas neste press release, exceto quando de outra forma indicado, foram consolidadas de acordo com os princípios de contabilidade geralmente aceitos no Brasil (BR GAAP). De acordo com os critérios do BR GAAP, são consolidadas as empresas nas quais a Vale tem controle efetivo ou controle compartilhado definido por acordo de acionistas. No caso das empresas onde a Vale possui controle efetivo, a consolidação é feita em base 100% e a diferença entre este valor e o percentual da participação da Vale no capital da controlada é descontado através da linha de participações minoritárias. As principais empresas controladas da Vale são: Vale Inco, MBR, Alunorte, Albras, Vale Manganês S.A., Vale Manganèse France, Vale Manganese Norway AS, Urucum Mineração S.A., Mineração Corumbaense Reunidas, Ferrovia Centro Atlântica (FCA), Ferrovia Norte Sul, Vale Austrália, Vale Colômbia, Vale International e CVRD Overseas. No caso das empresas onde o controle é compartilhado, a consolidação é proporcional à participação que a Vale possui no capital de cada empresa. As principais empresas onde a Vale detém controle compartilhado são MRN, MRS, Hispanobras, Samarco e CSI.

(a) Período ajustado pelos novos pronunciamentos contábeis dos CPC's para efeito comparativo. Para maiores esclarecimentos, favor verificar as Demonstrações Contábeis em 31/03/2010, em nosso website www.vale.com/Investidores/Resultados e Informações Financeiras/Relatórios CVM.

▼ PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS

Com a recuperação da economia global completando seu primeiro ano neste trimestre, esperamos que o crescimento global sincronizado e acima da tendência continue se processando durante os próximos trimestres. Dois fatores subjacentes à esta recuperação – as condições financeiras e o ciclo de estoques – deverão continuar a sustentá-la no futuro próximo, em que é provável a retirada de estímulos monetários e fiscais.

Os mercados de dívida e de ações estão voltando à normalidade, com elevação das transações e dos preços de ativos, redução gradual dos *spreads*, aumento do fluxo de capital para economias emergentes e expansão do crédito em diversos países, gerando um ciclo virtuoso na economia real. Mesmo nos Estados Unidos, onde a oferta de crédito permaneceu reprimida por um longo tempo, as condições estão começando a melhorar, ainda que lentamente, beneficiando pequenas e médias empresas, que são mais dependentes de empréstimos bancários.

Recentemente, os prêmios de risco soberano de pequenas economias européias altamente endividadas têm-se elevado, refletindo preocupações quanto a um possível *default*. Não obstante, o potencial para que ocorra uma crise em decorrência do não-pagamento da dívida de um desses países é bem limitado quando comparado ao derivado da falência de um grande banco, já que tais economias não possuem as amplas e complexas conexões com os mercados financeiros presentes nas grandes instituições financeiras globais. Além disso, tais problemas começam a ser abordados no contexto de programa de ajuste conduzido pela União Européia, Banco Central Europeu (BCE) e FMI, o que mitiga sensivelmente os riscos de contágio. As condicionalidades desse programa determinarão sua sustentabilidade.

A indústria global de transformação está em franca recuperação, gerando forte aumento da demanda por minerais e metais. A produção industrial global tem crescido a taxas elevadas desde meados de 2009 e a última leitura do Global manufacturing PMI de abril de 2010, revela o maior nível desde maio de 2004, quando a economia global se expandia a ritmo superior a 5% ao ano. Isso evidencia não só o rápido crescimento da produção industrial, mas também indica que ela continuará no futuro próximo.

Como reflexo desse ambiente dinâmico de expansão, a produção global de veículos – intensiva no consumo de aço, metais base e metais do grupo da platina – está se recuperando após forte contração em 2008 e em 2009, e é provável que retorne aos níveis recordes de 2007.

Após vários trimestres de queda dos estoques, em que a produção não seguiu o ritmo de crescimento das vendas finais e a relação estoques/vendas declinou continuamente, há agora sinais de que as companhias estão começando a recompor estoques, o que representa, fundamentalmente, um prenúncio do prosseguimento da significativa expansão da demanda global por minerais e metais.

Com o amadurecimento da recuperação do crescimento da produção industrial, a criação de empregos e a retomada dos investimentos passam a se materializar, consolidando os fundamentos de uma recuperação saudável da economia global.

O nível de emprego está melhorando, o que fortalece a confiança do consumidor e estimula a ampliação dos gastos de consumo. Nos Estados Unidos, o epicentro da crise financeira, dados recentes têm revelado melhora das condições do mercado de trabalho, com o início de tendência de contratações, o que sugere que o pico da taxa de desemprego já ficou para trás.

Refletindo a forte confiança empresarial, as despesas de capital – normalmente a última etapa de uma recuperação cíclica – estão deslançando, como sugere o aumento substancial dos embarques dos três principais produtores/exportadores de bens de capital, os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão. A demanda por investimentos está aumentando não só nas economias emergentes, que estão expandindo capacidade produtiva, mas também nas economias desenvolvidas, que, a despeito da existência de capacidade ociosa, têm necessidade crescente em investir na manutenção das operações existentes, dados os severos cortes praticados ao final de 2008 e ao longo da maior parte do ano passado.

Confirmando a regularidade histórica de que recessões profundas são geralmente seguidas por recuperações intensas, a economia norte-americana está se recuperando mais vigorosamente do que o esperado e mais

rapidamente do que o Japão e a Europa, gerando consideráveis efeitos positivos sobre as economias do Canadá e do México.

A flexibilidade dos mercados, a solidez dos balanços de companhias não-financeiras, o substancial aumento da produtividade do trabalho e a agilidade do Federal Reserve (Fed) em ações de política monetária para neutralizar a recessão têm-se mostrado essenciais para o vigor da recuperação econômica dos Estados Unidos.

Apesar de terem sido mais duramente atingidas pela recessão global do que os Estados Unidos, as economias da Zona do Euro e do Reino Unido têm apresentado recuperação bem mais lenta. Porém há razões para esperarmos que o crescimento na Europa, em particular na Zona do Euro, continue com lentidão.

O fato de o BCE estar ainda adotando uma postura contracionista em julho de 2008, enquanto que o Fed já começara um ciclo de afrouxamento monetário, contribuiu para que a recuperação europeia não acompanhasse a retomada americana, dadas as defasagens envolvidas na transmissão dos efeitos de política monetária sobre a atividade econômica. Ao mesmo tempo, a rigidez dos mercados de trabalho e de produto torna as recuperações cíclicas europeias menos vibrantes do que as dos EUA, o que ajuda a explicar a dessincronização entre a retomada das duas economias.

Em adição a esses fatores conjunturais, há problemas estruturais para que se realizem os ajustes necessários à recuperação econômica. Na Zona do Euro, as taxas de câmbio nominais estão fixas pela moeda comum, o euro. Entretanto, alguns países possuem taxas de câmbio reais sobrevalorizadas relativamente à região como um todo, o que os faz enfrentar difícil processo de deflação de custos domésticos para que se mantenham competitivos. Em função de diversos fatores, o crescimento potencial tem perdido força na Zona do Euro nas últimas décadas e, no atual ciclo de expansão, deve se manter bem abaixo da tendência de longo prazo da economia dos EUA.

A recuperação da economia japonesa tem sido propiciada pela boa performance das exportações, estimuladas pela retomada significativa do comércio internacional e em particular pelo desempenho vigoroso de seus parceiros comerciais na Ásia. A resposta da produção industrial do Japão à demanda externa tem sido intensa, com crescimento anual de dois dígitos

desde o segundo trimestre de 2009. No entanto, a recuperação da demanda agregada permanece tímida, apesar da melhora recente da confiança do consumidor e do aumento nas vendas finais. Face à melhora dos lucros corporativos e ao nível ainda deprimido dos investimentos, espera-se uma reação destes em breve.

O Brasil tem sido capaz de sustentar forte recuperação econômica, estimulada pelos fluxos de entrada de investimentos estrangeiros diretos e em portfólio, pela expansão do crédito e ganhos nos termos de troca. A demanda interna está se crescendo com vigor, principalmente os investimentos.

Os ganhos nos termos de troca, produzidos pela alta dos preços de commodities e, mais recentemente, pelo aumento dos preços do minério de ferro, estão contribuindo para estimular a formação de capital fixo, que está crescendo a taxas elevadas, como mencionado. Durante o ciclo anterior, entre 2002 e 2008, simultaneamente aos ganhos nos termos de troca e à apreciação da taxa de câmbio real, o ritmo de crescimento da indústria de transformação manteve-se acima da expansão do PIB, sustentado pelo aumento da produtividade proporcionada pelos investimentos em equipamentos importados modernos.

Apesar do início da reversão do ciclo de expansão da política monetária, esperamos que a economia brasileira continue a crescer, ainda que a uma taxa mais moderada e convergindo para a tendência de longo prazo.

A experiência recente demonstrou mais uma vez que a China pode crescer de forma acelerada baseada na expansão doméstica. Desde o segundo trimestre de 2009, o PIB tem aumentado a uma taxa anual média sazonalmente ajustada estimada em 12,2%, e os dados do primeiro trimestre de 2010 mostraram que a contribuição do consumo para a expansão da demanda agregada foi de 52%, a mais alta desde 1993. Apesar da expectativa de moderação do crescimento no curto prazo, a economia chinesa tenderá a seguir trajetória de expansão a ritmo ainda elevado, alimentada pelo crescimento da demanda interna.

A rápida recuperação da economia chinesa tem levantado preocupações de que o aumento de empréstimos bancários esteja gerando excesso de capacidade e/ou uma bolha de preços de imóveis.

De fato, a implementação de uma política de crédito expansionista resultou em aumento expressivo dos empréstimos bancários no primeiro semestre de 2009. Entretanto, as autoridades econômicas começaram a tomar medidas para promover a desaceleração do crédito desde meados de 2009, mediante o restabelecimento de cotas de empréstimos, aumentos das taxas de recolhimento compulsório sobre depósitos e do nível de capital próprio dos bancos. Após forte alta em janeiro de 2010, houve moderação na atividade de empréstimos bancários. Na verdade, a concessão de novos empréstimos não caiu, mas sua composição alterou-se, com forte redução do crédito de curto prazo mais que compensada pelo aumento do crédito de médio e longo prazo.

O pacote de estímulo de novembro de 2008 tinha um componente importante de incentivo ao consumo – resultando, como visto, no aumento de sua contribuição para o crescimento de 40% no passado para 52% – e possuía foco nos investimentos em infraestrutura, que costuma contribuir para a geração de ganhos de produtividade e para a sustentabilidade do crescimento de longo prazo, em lugar de buscar expandir capacidade de setores como o de siderurgia.

Em um ambiente econômico com elevados níveis de crescimento e investimento como o prevalecente na China, alguns setores tendem a apresentar excesso temporário de capacidade produtiva. Entretanto, diferentemente do que ocorre em economias maduras com crescimento lento, a capacidade ociosa é normalmente absorvida em curto período de tempo. Em 2009, por exemplo, é provável que o crescente consumo aparente de aço na China tenha eliminado o excesso hipotético de capacidade produtiva da indústria.

O consumo chinês de aço por unidade do PIB é relativamente alto e bastante sensível ao crescimento da produção industrial e da renda. Por outro lado, o consumo per capita é ainda muito reduzido, sendo inferior aos picos atingidos no passado por economias desenvolvidas e por outros países asiáticos, o que significa que há ainda bastante potencial para ampliação, já que a China está no meio do maior processo de urbanização na história mundial, investindo quantidades maciças de recursos em infraestrutura e habitação para lidar com os fluxos migratórios.

Após a divulgação do desempenho macroeconômico da China do primeiro trimestre de 2010, o Conselho de Estado anunciou diversas medidas destinadas a arrefecer o ritmo de atividades do mercado imobiliário ao mesmo tempo em que reiterou as políticas existentes de expansão da oferta de novas residências, em especial no segmento de baixa renda.

As medidas têm por objetivo reduzir a especulação imobiliária, afetando negativamente a demanda por investimento imobiliário, em lugar de elevar os custos dos incorporadores. O governo central estimula os governos locais a aumentar a oferta de terrenos, ao mesmo tempo em que aumentou a oferta de habitações via aceleração dos projetos de construção e distribuição de subsídios.

Há grande diferença entre as medidas adotadas em 2007 e as de agora. No passado, foram implementadas severas restrições de crédito e, em especial, os empréstimos para incorporadores foram praticamente eliminados, o que causou considerável retração no setor imobiliário no segundo semestre de 2008. Neste ano, o governo chinês tem dado ênfase à expansão da oferta de moradias e não tem imposto restrições específicas ao crédito para incorporadores.

A demanda de imóveis para residências deve permanecer aquecida, incentivada pelo alto crescimento da renda per capita e pelo processo de urbanização. Ademais, a prioridade dada pelo governo da China ao crescimento da oferta de habitações populares concorre para contrabalançar os efeitos da potencial desaceleração no segmento de imóveis de alto valor, neutralizando seu impacto negativo no consumo de aço.

Bolhas de preços de ativos são causadas por excesso de investimentos alimentados por excessiva alavancagem financeira. Esse definitivamente não é o caso da China. Se, eventualmente, houver correção de preços no segmento de imóveis para alta renda, o impacto negativo na atividade econômica tenderá a ser muito limitado, dado que o nível baixo de alavancagem minimiza a probabilidade de inadimplências em massa.

A recuperação econômica global promoveu expansão substancial do consumo de aço, cujos preços têm aumentado de forma substancial. Do ponto mais baixo do ciclo ao pico desta fase de recuperação, o preço de tarugos negociado na

London Metal Exchange (LME) aumentou em 135,7%.

A produção global de aço carbono retornou em março de 2010 a seu pico histórico verificado em junho de 2008, de 1,4 bilhão de toneladas métricas, em termos anualizados e sazonalmente ajustados. Refletindo a forte pressão de demanda, o mercado de minério de ferro tem estado bastante aquecido, com preços spot em elevação e razão estoques/consumo em declínio na China, apesar dos estímulos de preço aos produtores locais com altos custos de produção.

Existe pouca oferta adicional de minério esperada para este ano e para 2011. A Vale retornou à plena capacidade de operação, tanto na mineração de minério de ferro como na produção de pelotas. O projeto Adicional 20 Mtpa, de baixo custo e com minério de alta qualidade de Carajás, entrou em operação no final de março de 2010, mas terá impacto reduzido na oferta total da companhia em 2010, uma vez que sua produção será destinada majoritariamente a compensar algumas perdas de capacidade produtiva. Olhando para frente, esperamos que o mercado de minério de ferro permaneça aquecido por um período de tempo prolongado.

Após três anos consecutivos de queda, a produção global de aço inoxidável está se recuperando vigorosamente, crescendo à taxa anual dessazonalizada de 34,3% no primeiro trimestre de 2010, quando alcançou se nível mais elevado – de 7,7 Mt – desde o pico trimestral de 7,8 Mt do último trimestre de 2006. Ao mesmo tempo, a

demanda por níquel para aplicações não relacionadas à produção de aço inoxidável continua a se recuperar, pressionada pelo consumo de vários setores, em especial o aeroespacial, petróleo e gás, automotivo e baterias.

Diante da combinação de forte demanda com um mercado de sucata bastante pressionado, os estoques de níquel têm se reduzido e seus preços têm aumentado desde o início de fevereiro. Em resposta à elevação de preços que ultrapassaram o nível de US\$ 11 por libra ao final de março que têm flutuado em torno de US\$ 12 por libra, há indicações de que a produção de níquel *pig iron* na China está se expandindo de forma significativa.

Temos tomado iniciativas para reiniciar atividades nas operações de Sudbury e Voisey's Bay, ambas paradas em decorrência de greves desde o terceiro trimestre de 2009. Como anunciado, temos conseguido até agora reiniciar parcialmente a produção em ambos os sites.

Continuamos a prever cenário bastante promissor para a indústria de mineração e metais tanto no curto quanto no longo prazo. Guiados por essa visão, continuamos a implementar a estratégia de crescimento, priorizando o crescimento orgânico, mas fazendo uso de aquisições e da gestão de portfólio de ativos como fontes adicionais e importantes de maximização de valor para o acionista.

✓ A PRECIFICAÇÃO DO MINÉRIO DE FERRO: EM BUSCA DA EFICIÊNCIA

A Vale entrou em acordos, de forma permanente ou provisória, com todos os seus clientes no mundo – envolvendo 100% das vendas sob contratos – para alterar os contratos existentes para preços baseados em índices.

Apesar das recessões, como a que o mundo vivenciou entre 2008/2009, serem eventos cíclicos, elas têm potencial para gerar e/ou acelerar mudanças com profundas implicações de longo prazo.

Nas últimas décadas do século XX, a indústria do minério de ferro se defrontou com baixo crescimento e considerável capacidade ociosa. De 1980 a 1999, o crescimento econômico se desacelerou, com aumento de 3,0% da taxa média anual do PIB global e foi impulsionado pelas economias desenvolvidas. Economias de mercados emergentes tiveram um desempenho inferior às economias avançadas, pois sofreram com uma persistente inflação e várias crises de dívida e cambiais.

Neste cenário, a demanda por aço permaneceu fraca e o mercado transoceânico de minério de ferro se expandiu ao ritmo de apenas 1,8% ao ano.

Desde o final dos anos noventa, uma grande mudança teve início. Economias emergentes, envolvidas em transformações estruturais e, conseqüentemente, em grande expansão na produção industrial, construção de moradias e de infraestrutura, lideraram o rápido crescimento econômico global. Em particular, a China, uma economia de alto crescimento, adquiriu massa crítica para promover mudanças significativas na demanda global por minério e metais.

O novo padrão de crescimento global produziu mudança considerável na dinâmica do mercado de minério de ferro. Refletindo a transformação estrutural na demanda por metais, o mercado transoceânico de minério de ferro cresceu à taxa média anual de 7,7% - bastante acima do ritmo de 4,0% por ano do crescimento do PIB global – e a participação da China aumentou de apenas 2,5% em 1985 e 12% em 1999 para 68% em 2009.

Transações com base em custo e frete aumentaram e o mercado *spot* de minério de ferro se desenvolveu, se expandindo continuamente e alcançando uma participação estimada de 40% do transoceânico em 2009. Atualmente possui

tamanho de US\$ 40 bilhões, o dobro do mercado global de níquel.

Diferentemente do passado, em um ambiente de rápido crescimento o antigo sistema de preços *benchmark*, baseado em negociações anuais bilaterais, mostrou que não serve mais aos melhores interesses tanto de siderúrgicas quanto de mineradoras.

A determinação de preços pelo mercado tende a refletir o fluxo de informações, possuindo a capacidade de promover o rápido equilíbrio do mercado e de emitir sinais contínuos e importantes para o processo de tomada de decisão aos participantes do mercado. Em forte contraste, preços negociados bilateralmente permanecem inalterados por um longo período e não estão aptos a acomodar a dinâmica do comportamento da oferta e demanda.

A flexibilidade de preços tende a facilitar e, portanto, fortalecer as relações de negócios. Por outro lado, na presença de condições de mercado em rápida transição, a rigidez de preços embutida do sistema de *benchmark* contribui para minar essas relações e os conflitos se tornam alternativa para solução de problemas decorrentes de diferentes pontos de vista.

Prolongadas negociações tornavam o processo de precificação muito custoso, pois monopolizavam os esforços de grupos de executivos das siderúrgicas e mineradoras por vários meses, quando poderiam focar em outros importantes assuntos para o negócio.

A coexistência de dois sistemas de preços, *spot* e *benchmark*, deu origem a graves distorções, evidenciadas por grandes e sistemáticas diferenças nos preços entre os dois mercados, com preços de produtos de baixa qualidade acima dos níveis de preços para produtos com alto valor em uso. Essas distorções criaram desincentivos para o investimento e estimularam a ineficiência e especulação financeira que, a longo prazo, são prejudiciais tanto para as siderúrgicas quanto as mineradoras.

Do ponto de vista do mercado de capitais, a falta de transparência natural das negociações bilaterais tornou-se fonte de rumores e especulação, dando origem à volatilidade excessiva nos preços das

ações, outra consequência negativa para acionistas das siderúrgicas e mineradoras.

A grande recessão de 2008/2009 evidenciou as falhas do sistema de preços de *benchmark*, pois mostrou claramente a incapacidade de lidar com as mudanças repentinas causadas pelo forte choque de demanda decorrente da crise financeira.

No passado, fatores semelhantes foram responsáveis por levar os metais base e o petróleo migrarem da fixação de preços via acordos com negociação bilateral para precificação a mercado.

Ficou claro que era hora de mudar a precificação do minério de ferro.

O novo sistema de preços, conforme acordado com nossos clientes, suaviza a volatilidade diária natural dos preços *spot*, pois estabelece um preço trimestral baseado na média de três meses dos preços de índices para o período terminando um mês antes do novo trimestre em questão. Ao mesmo tempo em que preserva a flexibilidade, o sistema permite que as siderúrgicas saibam de antemão o preço a ser pago no trimestre seguinte, facilitando o controle de custos e o gerenciamento dos estoques.

Compatível com as exigências de uma economia moderna, o sistema de preço proposto pela Vale minimiza o custo da determinação de preços, eliminando importante fonte de ineficiência.

Uma das características essenciais de um sistema de preços é a capacidade de reconhecer as diferenças de qualidade dos produtos. Produtos de maior valor em uso devem obter um prêmio sobre o preço dos produtos mais básicos, a fim de enviar os sinais corretos ao mercado.

À semelhança do que já é praticado pelo mercado *spot*, o novo sistema reconhece, pelo menos parcialmente, o valor em uso superior dos

minérios, através de um diferencial de preço para aqueles com maior teor de ferro. Da mesma forma, minérios granulados e pelotas de alto-forno e de redução direta comandarão diferenciais de preço acima do preço dos finos de minério de ferro.

Como os preços são fixados em base custo e frete, eles vão refletir também diferenças na distância geográfica de nossas operações. Neste contexto, a Vale está construindo uma carteira de frete marítimo de baixo custo, o que implica entre

outras coisas, no lançamento de uma nova e mais eficiente classe de transportadores de minério, o chamado VLOCs ou embarcações Chinamax, a fim de reduzir o nível de preços e mitigar a volatilidade de preços de frete aos clientes.

Por último, mas não menos importante, a transparência, um dos princípios que mais valorizamos, irá prevalecer. Os preços são baseados em índices, que são facilmente acessados em uma base diária, contribuindo para eliminar uma fonte de volatilidade nos preços das ações das empresas siderúrgicas e mineradoras.

A introdução de um novo regime de preços faz parte das mudanças estruturais no mercado de minério de ferro, desencadeadas pelo desenvolvimento econômico das economias emergentes, que está tirando da pobreza centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Nossa proposta tem várias vantagens importantes sobre as negociações anuais de preços. Ela produz ganhos de eficiência significativos, reduzindo custos e proporcionando o estímulo correto ao investimento, traz flexibilidade com previsibilidade de custos e aumenta a transparência. Acreditamos firmemente que o novo sistema será benéfico para as empresas de mineração e siderurgia, aumentando suas contribuições para a prosperidade econômica e social global.

✓ PREÇOS DO MINÉRIO DE FERRO: EFEITOS MACROECONOMICOS

O propósito desta nota é avaliar os possíveis efeitos de elevações do preço do minério de ferro sobre a inflação e o crescimento econômico no Brasil.

Os indicadores mais adequados para refletir o impacto de aumentos de preços de *commodities* sobre a inflação são os índices de preços ao consumidor, pois capturam a propagação dos efeitos das variações de preços através dos diversos canais de transmissão ao longo da cadeia produtiva e possuem influência direta sobre o nível de renda real da população. Por essas razões, os índices de preços ao consumidor são empregados para a orientação da política monetária de todos os bancos centrais no mundo que usam o regime de metas de inflação². Ao mesmo tempo, vale a pena salientar que tais efeitos possuem magnitude variável de acordo com o tipo de *commodity*.

Por exemplo, elevações de preços de alimentos se transmitem diretamente aos índices de preços ao consumidor na medida em que se constituem em produtos finais que são comprados pelos consumidores. O impacto sobre o índice de inflação tende a ser diferenciado de acordo com a renda das famílias, pois quanto menor a renda maior o peso da alimentação no orçamento doméstico. Assim, as oscilações de preços de alimentos se transmitem com maior intensidade aos índices de preços ao consumidor em países em desenvolvimento, de renda per capita mais baixa, do que em economias avançadas.

A volatilidade dos preços do petróleo se transmite diretamente aos índices de preços ao consumidor quando repassada aos preços de derivados, como a gasolina e o óleo diesel. Nas economias desenvolvidas, onde os preços desses produtos tendem a flutuar livremente, o “*pass-through*” das variações de preços do petróleo para os índices de inflação tende a ser maior e mais imediato do que em economias emergentes, onde, em geral, os preços de derivados costumam ser controlados.

Já os minérios e metais são matérias primas industriais e sua utilização se dá no início da

cadeia produtiva longa e complexa de bens finais, como automóveis, produtos eletrônicos e os da chamada “linha branca”. Desse modo, os efeitos das variações de seus preços sobre os índices de inflação ao consumidor tendem a ser muito diluídos ao longo da cadeia produtiva.

Estudo recente elaborado pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV), empregando métodos econométricos de modelos dinâmicos, concluiu que o efeito de aumentos de preços do minério de ferro sobre a inflação medida pelo IPCA não é estatisticamente diferente de zero³, ou seja, é irrelevante.

O estudo usou vários cenários, com simulações de variações de preços do minério de ferro de 30% a 120%, e horizonte temporal de até 18 meses, suficientemente longo para capturar a difusão dos efeitos dessas altas através da cadeia produtiva. Além disso, foram considerados todos os possíveis canais de transmissão conhecidos, inclusive os reajustes de preços administrados, que sofrem a influência das variações dos índices gerais de preços, os IGPs computados pelo IBRE/FGV.

Os resultados desse estudo não surpreendem. Coincidem com a intuição decorrente do fato de os custos com o minério de ferro representarem uma parcela diminuta dos preços de bens de consumo final, por exemplo, menos de 0,5% no caso de um carro popular. São também consistentes com a literatura econômica, que sugere que oscilações de preços de *commodities* causam tão somente mudanças de preços relativos, não tendo poder para provocar inflação, definida como a alta contínua e generalizada dos preços na economia.

Por outro lado, a elevação dos preços do minério de ferro traz implicações extremamente positivas para a economia brasileira ao produzir ganhos de suas relações de troca com o exterior. Se, a título de exemplo, tomarmos como base os dados do comércio exterior do Brasil para 2009, mantendo-se tudo o mais constante inclusive o volume exportado de minério de ferro, para cada 10% de

² O regime de metas de inflação é empregado pelos bancos centrais do Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, México, Peru, Reino Unido, República Checa, Polônia, Hungria, Suíça, Suécia, Finlândia, Islândia, Noruega, Israel, África do Sul, Nova Zelândia, Austrália, Tailândia, Coreia do Sul, Filipinas e pelo European Central Bank.

³ O IPCA, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo, calculado pelo IBGE, mede a variação de preços ao consumidor para famílias com renda de um a 40 salários mínimos nas regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Brasília e o município de Goiânia.

aumento de seus preços o País teria receita adicional de exportações de US\$ 1,32 bilhão, o que lhe permitiria financiar expansão de importações no mesmo valor.

Tendo em vista as correlações existentes na economia brasileira, documentadas por vários estudos econômicos, entre importações e investimentos e, particularmente, entre importações de bens de capital e investimentos, é de se esperar que a elevação do preço do minério de ferro cause aumento da taxa investimento/PIB ao longo dos próximos anos, sem que para isso seja necessário que os brasileiros sacrifiquem gastos de consumo. De acordo com nossas estimativas, evidentemente sujeitas a erro, os dados desse exercício levariam à expansão de 0,6% na taxa investimento/PIB para cada 10% de aumento do preço do minério de ferro.

O impacto positivo sobre o investimento é consistente com o que tem se verificado na Austrália, outro grande exportador de minério de ferro e onde a contribuição do aumento de seus preços para a elevação dos investimentos é reconhecida⁴.

A valorização do minério de ferro no mercado global contribui para gerar mais investimentos no Brasil e, em conseqüência, mais empregos, renda e prosperidade econômica. O crescimento dos investimentos se dá diretamente na indústria de mineração, não só por parte de empresas já estabelecidas, como a Vale, mas também pela atração de novos participantes, com impactos diretos em indústrias como as de máquinas e equipamentos e da construção civil, difundindo-se para diversos outros ramos industriais e de serviços, que são estimulados a investir para atender à expansão da demanda⁵.

⁴ Veja, por exemplo, "New mining boom filling Australia's investment pipeline", Economic research note, JP Morgan, April 2, 2010.

⁵ No período 2005-2009 a Vale investiu US\$ 9,6 bilhões nas operações de minério de ferro no Brasil.

RECEITA

No primeiro trimestre de 2010, nossa receita operacional totalizou R\$ 13,029 bilhões, com aumento de 8,1% em relação ao valor de R\$ 12,048 bilhões obtido no 4T09. O aumento dos preços de venda produziu um efeito positivo de R\$ 1,474 bilhão na receita operacional e a depreciação do real frente ao dólar americano⁶ de R\$ 442 milhões, parcialmente compensado pelo impacto negativo de menores volumes de R\$ 935 milhões.

A greve em duas de nossas operações de níquel no Canadá, a estação chuvosa no Hemisfério Sul e problemas operacionais nos terminais marítimos de minério de ferro contribuíram para prejudicar o desempenho dos embarques.

As vendas de minerais ferrosos representaram 67,5% da receita operacional nesse trimestre, retornando aos níveis do início de 2006. Os minerais não ferrosos foram responsáveis por 22,9%. Serviços de logística alcançaram 5,7%, carvão 1,7% e outros produtos 2,3%.

As vendas para a Ásia representaram 50,3% da receita total, enquanto as vendas para as Américas representaram 26,5%, 19,5% para Europa e para o resto do mundo 3,7%.

RECEITA BRUTA POR PRODUTO						
R\$ milhões	1T09	%	4T09	%	1T10	%
Minerais ferrosos	8.373	63,5	7.532	62,5	8.794	67,5
Minério de ferro	7.266	55,1	5.948	49,4	6.661	51,1
Serviços de operação de usinas de pelotização	4	-	6	-	6	-
Pelotas	865	6,6	1.206	10,0	1.767	13,6
Manganês	34	0,3	111	0,9	104	0,8
Ferro ligas	179	1,4	198	1,6	236	1,8
Outros	25	0,2	63	0,5	20	0,2
Minerais não ferrosos	3.554	27,0	3.256	27,0	2.983	22,9
Níquel	1.477	11,2	1.289	10,7	1.236	9,5
Cobre	546	4,1	569	4,7	410	3,1
Caulim	91	0,7	84	0,7	78	0,6
Potássio	150	1,1	188	1,6	118	0,9
PGMs	123	0,9	2	-	1	-
Metais preciosos	66	0,5	5	-	14	0,1
Cobalto	30	0,2	11	0,1	9	0,1
Alumínio	450	3,4	452	3,8	475	3,6
Alumina	567	4,3	603	5,0	595	4,6
Bauxita	54	0,4	53	0,4	47	0,4
Carvão	310	2,3	237	2,0	228	1,7
Serviços de logística	611	4,6	722	6,0	725	5,6
Ferrovias	513	3,9	570	4,7	588	4,5
Portos	98	0,7	152	1,3	137	1,1
Outros	331	2,5	301	2,5	299	2,3
Total	13.179	100,0	12.048	100,0	13.029	100,0

⁶ A taxa média do dólar no 1T10 foi de R\$ 1,8003/US\$ contra taxa média de R\$ 1,7386/US\$ no 4T09 e taxa média de R\$ 2,3113/US\$ no 1T09.

RECEITA BRUTA POR DESTINO						
R\$ milhões	1T09	%	4T09	%	1T10	%
América do Norte	1.197	9,1	718	6,0	838	6,4
EUA	694	5,3	426	3,5	461	3,5
Canadá	503	3,8	292	2,4	377	2,9
América do Sul	1.676	12,7	2.481	20,6	2.618	20,1
Brasil	1.573	11,9	2.179	18,1	2.335	17,9
Outros	103	0,8	302	2,5	283	2,2
Ásia	8.098	61,4	6.015	49,9	6.553	50,3
China	5.748	43,6	3.560	29,5	3.959	30,4
Japão	1.133	8,6	1.528	12,7	1.526	11,7
Coréia do Sul	587	4,5	352	2,9	418	3,2
Taiwan	308	2,3	292	2,4	333	2,6
Outros	322	2,4	283	2,3	317	2,4
Europa	1.903	14,4	2.406	20,0	2.537	19,5
Alemanha	479	3,6	804	6,7	792	6,1
Bélgica	168	1,3	181	1,5	59	0,5
França	90	0,7	230	1,9	172	1,3
Reino Unido	424	3,2	163	1,4	262	2,0
Itália	179	1,4	253	2,1	249	1,9
Outros	563	4,3	775	6,4	1.003	7,7
Resto do mundo	305	2,3	428	3,6	483	3,7
Total	13.179	100,0	12.048	100,0	13.029	100,0

▼ CUSTOS

O custo dos produtos vendidos (CPV) totalizou R\$ 6,635 bilhões no 1T10, apresentando decréscimo de 7,8% em relação ao 4T09, igual a R\$ 7,199 bilhões.

O desempenho do CPV reflete nossos esforços para baixar os custos. Economias de R\$ 415 milhões, representando 73,6% da redução de custos em base trimestral, foram em função dos nossos esforços de redução de custos. Além disso, o melhor desempenho do CPV foi determinado pelo efeito de menores volumes de vendas, R\$ 205 milhões, parcialmente prejudicado pela variação na taxas de câmbio⁷, R\$ 56 milhões.

No 1T10, o custo com materiais foi o principal item do CPV, representando 20,1%, e somou R\$ 1,336 bilhão, contra R\$ 1,395 bilhão no 4T09. O menor volume de vendas contribuiu para queda de R\$ 69 milhões do custo com materiais, parcialmente compensado pela variação das taxas de câmbio que contribuiu para aumento de R\$ 9 milhões.

Os principais itens de materiais foram: (a) peças sobressalentes e componentes de equipamentos e instalações, R\$ 514 (vs. R\$ 577 milhões no 4T09); (b) insumos, R\$ 495 milhões (vs. R\$ 516 milhões no 4T09); e (c) correias transportadoras e pneus, R\$ 103 milhões (vs. R\$ 77 milhões no 4T09).

Os gastos com energia atingiram R\$ 1,214 bilhão, sendo responsável por 18,3% do CPV. Estes custos se reduziram em R\$ 46 milhões quando comparados com o 4T09.

As despesas com combustíveis e gases totalizaram R\$ 774 milhões, em níveis similares aos do 4T09. A queda de R\$ 18 milhões devido a redução das nossas atividades foi mais que compensada pelos preços mais elevados de combustíveis e gases (R\$ 21 milhões) e o impacto da variação cambial (US\$ 4 milhões).

⁷ A composição do CPV por moeda no 1T10 foi: 70% em reais, 6% em dólares canadenses, 20% em dólares americanos e 4% em outras moedas.

O custo com eletricidade foi de R\$ 441 milhões, comparado com R\$ 493 milhões no 4T09, representando uma redução de 10,6% trimestre a trimestre, provocada por menores tarifas (R\$ 38 milhões) e menores volumes de vendas (R\$ 16 milhões).

O custo de serviços, 14,1% do CPV, totalizou R\$ 933 milhões no 1T10, comparado a R\$ 1,238 bilhão no 4T09. Além dos efeitos de menores volumes de vendas (R\$ 75 milhões), houve uma redução de R\$ 235 milhões em gastos com serviços terceirizados de manutenção e operacionais, que subiram no 4T09 devido à preparação para retomada de operação a plena capacidade da produção de minério de ferro e pelotas.

Os principais serviços contratados foram: (a) serviços operacionais, que totalizaram R\$ 253 milhões (vs. R\$ 470 milhões no 4T09), incluindo R\$ 101 milhões para remoção de estéril e minério; (b) manutenção de equipamentos e instalações, R\$ 244 milhões (vs. R\$ 282 milhões no 4T09); e (c) serviços de frete, R\$ 219 milhões (vs. 226 milhões no 4T09).

As despesas com frete ferroviário sofreram decréscimo de R\$ 142 milhões no 4T09 para R\$ 121 milhões, devido aos menores embarques de minério de ferro das minas do Sistema Sul. Diferente dos Sistemas Norte e Sudeste, onde operamos um sistema integrado mina-ferrovia-porto, no Sistema Sul, o transporte até os terminais marítimos é realizado pela ferrovia da MRS, empresa de controle compartilhado cujo resultado é consolidada proporcionalmente à participação da Vale.

Os custos com frete marítimo – compreendendo principalmente o transporte de bauxita de Trombetas para Bacarena – somaram R\$ 57 milhões e as despesas com serviços de transporte rodoviário totalizaram R\$ 38 milhões. Vale a pena salientar que esse item não compreende os custos com frete marítimo de nossas vendas de minério de ferro na base CFR para Ásia, que são deduzidos da nossa receita bruta de acordo com critérios contábeis.

As despesas com pessoal alcançaram R\$ 823 milhões, representando 12,4% do CPV. A redução de R\$ 200 milhões trimestre a trimestre refletiu o efeito de acontecimentos pontuais no 4T09 (R\$ 144 milhões) e volumes menores de vendas (R\$ 65 milhões), parcialmente compensada pela variação da taxa de câmbio (R\$ 9 milhões).

O custo de aquisição de produtos de terceiros totalizou R\$ 414 milhões – 6,2% do CPV – contra R\$ 330 milhões no 4T09.

As compras de minério de ferro e pelotas totalizaram R\$ 110 milhões, contra R\$ 78 milhões no 4T09. O volume de minério de ferro adquirido de pequenas mineradoras somou 937.000 toneladas métricas no 1T10, comparado com 1,2 Mt no 4T09. As aquisições de pelotas de *joint ventures* somaram 376.000 toneladas métricas no 1T10, ante 363.000 toneladas métricas no 4T09.

A compra de produtos de níquel atingiu R\$ 163 milhões, contra R\$ 136 milhões no 4T09. Devido aos efeitos da greve trabalhista em Sudbury e Voisey Bay na nossa produção e a falta de estoques, continuamos a aumentar a compra de produtos intermediários e acabados para atender obrigações contratuais com clientes.

As compras de alumínio totalizaram R\$ 35 milhões no 1T10, ante R\$ 38 milhões no 4T09, envolvendo lingotes de alumínio e sucata usados como insumos para suprir a produção de tarugos por extrusão da Valesul Alumínio S.A. (Valesul). Em janeiro de 2010, a Valesul entrou em acordo para venda de seus ativos de alumínio e, como resultado desta transação, a compra de lingotes de alumínio e sucata foi encerrada após 30 de abril de 2010.

A depreciação e amortização – 17,4% do CPV – atingiu R\$ 1,154 bilhão, contra R\$ 1,128 bilhão no 4T09.

Outros custos operacionais alcançaram R\$ 761 milhões, redução de R\$ 66 milhões frente ao 4T09. Entre outros itens, as principais causas dessa mudança foram a provisão para participação nos lucros e a diminuição de despesas com serviços compartilhados.

No 1T10, os gastos com *demurrage* – multas pagas pelo atraso de carregamento de navios nos nossos terminais marítimos – diminuíram para R\$ 34 milhões, equivalente a R\$ 0,58 por tonelada métrica de

minério de ferro embarcada, contra R\$ 69 milhões no trimestre anterior, ou R\$ 1,12 por tonelada métrica embarcada.

As despesas com vendas, gerais e administrativas (SG&A) somaram R\$ 565 milhões, contra R\$ 695 milhões no 4T09. O decréscimo foi determinado principalmente pela redução das despesas discricionárias e custo de pessoal e pelo ajuste nos preços provisórios do cobre no sistema de precificação do concentrado de cobre MAMA (*Month After Month of Arrival*).

Os gastos com pesquisa e desenvolvimento (P&D)⁸ somaram R\$ 314 milhões, comparado aos R\$ 522 milhões investidos no 4T09.

Outras despesas operacionais totalizaram R\$ 1,044 bilhão no trimestre, contra R\$ 995 milhões no 4T09.

Os gastos relativos à parada em nossas operações totalizaram R\$ 376 milhões, contra R\$ 386 milhões no 4T09. R\$ 367 milhões dos gastos foram devidos à parada de duas de nossas operações de níquel no Canadá, ante R\$ 408 milhões no 4T09. A retomada das plantas de pelotização de São Luís e Fábrica e a retomada parcial das operações em Sudbury e Voisey Bay foram os principais fatores que contribuíram para redução de R\$ 41 milhões nestes gastos.

COMPOSIÇÃO DO CPV						
R\$ milhões	1T09(a)	%	4T09(a)	%	1T10	%
Serviços contratados	953	13,9	1.238	17,2	933	14,1
Material	1.477	21,5	1.395	19,4	1.336	20,1
Energia	1.008	14,7	1.260	17,5	1.214	18,3
Combustíveis e gases	598	8,7	767	10,7	774	11,7
Energia elétrica	410	6,0	493	6,8	441	6,6
Aquisição de produtos	388	5,6	330	4,6	414	6,2
Pessoal	1.080	15,7	1.023	14,2	823	12,4
Depreciação e exaustão	1.207	17,6	1.128	15,7	1.154	17,4
Outros	761	11,1	827	11,5	761	11,5
Total	6.875	100,0	7.201	100,0	6.635	100,0

✓ LUCRO OPERACIONAL

No 1T10, o lucro operacional, medido pelo EBIT (lucro antes de juros e impostos) foi de R\$ 4,025 bilhões, revelando aumento de 78,1% comparado ao 4T09, quando totalizou R\$ 2,260.

O aumento total de R\$ 1,765 bilhão em nosso EBIT foi devido ao impacto positivo da receita operacional, impulsionado pelos aumentos nos preços (R\$ 902 milhões), menor CPV (R\$ 566 milhões) e menores despesas (R\$ 290 milhões).

A margem operacional foi de 32,0%, contra 19,3% no 4T09, devido aos preços mais elevados e menores custos.

⁸ O valor das despesas com pesquisa e desenvolvimento é contábil pelo critério BR GAAP. Apresentamos na seção Investimentos o valor de US\$ 185 milhões para investimentos em pesquisa e desenvolvimento no 1T10, computado de acordo com o efetivo desembolso financeiro no ano pelo critério US GAAP

✓ LUCRO LÍQUIDO

O lucro líquido da Vale alcançou R\$ 2,879 bilhões no 1T10, com aumento de 6,4% frente ao lucro do 4T09, de R\$ 2,707 bilhões. O lucro líquido por ação diluído foi de R\$ 0,54 contra R\$ 0,59 no 4T09.

Simultaneamente a este aumento, houve melhora na qualidade da receita. Enquanto, que no 4T09 a receita operacional representou 87% do lucro líquido, no 1T10 aumentou para 140%, uma vez que o resultado financeiro, que em grande parte reflete os efeitos não caixa, contribuiu para reduzir o lucro líquido em R\$ 1,336 bilhão.

No 1T10, a receita financeira totalizou R\$ 99 milhões, sendo 21,4% abaixo do valor do 4T09, R\$ 126 milhões. As despesas financeiras se reduziram de R\$ 1,064 bilhão no 4T09 para R\$ 878 milhões no 1T10.

Devido ao aumento do preço das ações da Vale, a marcação a mercado das debêntures participativas, apresentou uma despesa não caixa de R\$ 157,7 milhões.

Como consequência da depreciação de nossa moeda funcional, o real, em relação ao dólar americano⁹, a variação monetária e cambial líquida causou um impacto negativo em nosso lucro líquido de R\$ 157 milhões no 1T10.

O efeito líquido da contabilização do valor justo das operações com derivativos resultou em uma perda contábil de R\$ 400 milhões contra um ganho de R\$ 447 milhões no 4T09. Essas transações produziram impacto positivo no fluxo de caixa de R\$ 4 milhões.

O resultado líquido das posições com derivativos de níquel tiveram resultado negativo de R\$ 265 milhões, com efeito caixa negativo de R\$ 23 milhões.

A marcação a mercado dos *swaps* de moedas e taxas de juros, estruturados para converter nossa dívida em reais para dólares americanos para proteção do nosso fluxo de caixa da volatilidade cambial, produziu efeito negativo de R\$ 75 milhões no 1T09, dos quais R\$ 38 milhões geraram efeito caixa positivo.

Os derivativos relacionados ao *bunker* (combustível utilizado em navios) e frete - estruturados para minimizar a volatilidade do custo de frete marítimo do Brasil para Ásia - tiveram impacto contábil negativo de R\$ 16 milhões e efeito caixa positivo de R\$ 41 milhões.

No 1T10, tivemos perdas contábeis de R\$ 224 milhões referentes às operações descontinuadas de caulim. Conforme anunciado anteriormente, estamos em processo de venda de nossos ativos de caulim, como parte da nossa gestão de portfólio de ativos.

O resultado de participações societárias foi de R\$ 7 milhões no 1T10, contra R\$ 22 milhões no 4T09.

✓ GERAÇÃO DE CAIXA

No primeiro trimestre de 2010, a geração de caixa medida pelo EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) somou R\$ 5,385 bilhões, um acréscimo de 45,2% frente ao 4T09, de R\$ 3,709 bilhões, principalmente devido ao aumento da receita operacional.

O EBITDA foi quase todo gerado pelo segmento de minerais ferrosos, cuja participação aumentou de 91,5% no 4T09 para 92,9% 1T10. A participação do segmento de minerais não ferrosos aumentou de 10,0% no 4T09 para 10,9% no 1T10. A logística contribuiu com 2,6%, ante 5,9% no 4T09. O negócio de carvão e as despesas com P&D contribuíram para a redução do EBITDA de 0, 1% e 6,4%, respectivamente, no 1T10.

⁹ Do início ao término do 1T10, o real depreciou 2,3% em relação ao dólar americano.

EBITDA			
R\$ milhões	1T09(a)	4T09(a)	1T10
Receita operacional líquida	12.916	11.681	12.583
CPV	(6.875)	(7.201)	(6.635)
Despesas com vendas, gerais e administrativas	(564)	(695)	(565)
Pesquisa e desenvolvimento	(441)	(522)	(314)
Outras despesas operacionais	(885)	(995)	(1.044)
EBIT	4.151	2.268	4.025
Depreciação, amortização e exaustão	1.297	1.449	1.360
EBITDA	5.448	3.717	5.385

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

Em 31 de março de 2010, a nossa dívida era de US\$ 23,569 bilhões, com prazo médio de 9,0 anos e custo médio de 5,33% ao ano, com dívida líquida de US\$ 12,433 bilhões. A posição de caixa continuou em níveis elevados, alcançando US\$ 11,136 bilhões.

Em janeiro de 2010, anunciamos o resgate antecipado da totalidade das notas de securitização de recebíveis de exportações emitidas em Setembro de 2000 e Julho de 2003. O valor total do principal é de US\$ 27,5 milhões para as notas de Setembro de 2000 @8,926% por ano com vencimento em 2010 e US\$ 122,5 milhões para as notas de Julho de 2003 @4,43% por ano com vencimento em 2013, totalizando resgate antecipado de dívida de US\$ 150 milhões.

Um fator importante da nossa estratégia financeira é diversificar as fontes de financiamento e os instrumentos de captação de recursos. Em março de 2010, emitimos €750 milhões em bônus de 8 anos com vencimento em março de 2018, com cupom de 4,375% por ano, pagos anualmente.

A emissão, que foi a estréia da Vale no mercado de dívida europeu, teve uma demanda 10 vezes maior que o valor subscrito e os bônus foram precificados com *spread* de 140 pontos base sobre *€mid-swap*, ou um *spread* de 160,3 pontos base sobre o retorno dos títulos alemães, German Bund, resultando em rendimento para o investidor de 4,441% ao ano. Desde a emissão e apesar da volatilidade nos mercados de dívida causados pelo aumento das preocupações com os riscos soberanos na Europa, o Vale Euro 2018 teve um bom desempenho com aumento de preços.

A alavancagem, medida pela relação dívida total/LTM EBITDA ajustado, diminuiu para 2,4x em 31 de março de 2010, contra 2,5x em 31 de dezembro de 2009.

A relação dívida total/*enterprise value* era 13,4% em 31 de março de 2010, ante 14,4% em 31 de dezembro de 2009.

O índice de cobertura de juros, medido pelo indicador LTM EBITDA ajustado/LTM pagamento de juros ⁽¹⁾, passou para 9,0x em relação a 8,2x em 31 de dezembro de 2009.

Considerando as posições de *hedge*, 35% da dívida total em 31 de março de 2010 era atrelada a taxas de juros flutuantes e 65% a taxas fixas, enquanto 94% era denominada em dólares americanos e o restante em outras moedas.

INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO			
US\$ milhões	1T09	4T09	1T10
Dívida bruta	18.414	22.880	23.569
Dívida líquida	6.200	11.840	12.433
Dívida bruta / LTM EBITDA ajustado(x)	1,0	2,5	2,4
LTM EBITDA ajustado/ LTM pagamento de juros (x)	14,0	8,2	9,0
Dívida bruta / EV (%)	25,1	14,4	13,4

✓ INVESTIMENTO

No 1T10, a Vale realizou investimentos de US\$ 2,158 bilhões, dos quais US\$ 1,725 bilhão para crescimento orgânico – US\$ 1,540 bilhão para desenvolvimento de projetos e US\$ 185 milhões para P&D – e US\$ 433 milhões para manutenção das operações existentes. Os investimentos foram 25,8% maiores que no 1T09.

No 1T10, os investimentos em P&D compreenderam US\$ 59 milhões aplicados no programa de exploração mineral, US\$ 71 milhões em estudos conceituais, de pré-viabilidade e de viabilidade, e US\$ 55 milhões para desenvolver novos processos, inovações tecnológicas e adaptações de tecnologias. Continuamos a investir na exploração de óleo e gás com o objetivo de aumentar a produção desta importante matéria-prima. No 1T10, investimos US\$ 37 milhões em P&D neste segmento.

Os investimentos no segmento de minerais não ferrosos no 1T10 foram de US\$ 624 milhões, enquanto US\$ 565 milhões foram gastos no segmento de minerais ferrosos, US\$ 471 milhões em logística, US\$ 206 milhões em carvão, US\$ 131 milhões em energia, incluindo geração de energia e exploração de gás natural, US\$ 30 milhões em projetos de siderurgia e US\$ 130 milhões foram investidos em atividades corporativas e outros segmentos de negócios.

No final do 1T10, o projeto Carajás Adicional 20 Mtpa iniciou as operações. Este projeto foi originalmente concebido para adicionar 10 Mtpa à capacidade existente. No entanto devido à otimização do sistema e aos ganhos de produtividade foi possível duplicar a capacidade sem aumentar o custo médio por tonelada métrica, que se manteve ligeiramente abaixo de US\$ 29. O Adicional 20 Mtpa é composto por cinco correias transportadoras, oito sistemas de peneiramento a seco em duas plantas de beneficiamento, duas subestações elétrica e o repotenciamento de três transportadores.

Além do baixo custo de *capex*, o Adicional 20 Mtpa contribuirá para redução dos custos operacionais e para a proteção do meio ambiente, uma vez que tirará caminhões de circulação, criando economias de 6,6 milhões de litros de diesel por ano, reduzindo as emissões de CO₂.

✓ Gestão do portfólio de ativos

Nossa estratégia de crescimento e criação de valor sustentável compreende o desenvolvimento de um *pipeline* de projetos, aquisições estratégicas de ativos de classe mundial e gestão dinâmica do nosso portfólio de ativos, que é uma opção importante para otimizar a alocação de capital e foco da administração.

Nos últimos dezoito meses temos gerido nosso portfólio através de uma série de transações. No minério de ferro, adquirimos Corumbá, um pequeno depósito de alta qualidade de minério de ferro granulado, e Simandou, um dos melhores depósitos de minério de ferro não explorados do mundo em termos de qualidade e tamanho. Simandou, em particular, é uma ótima nova opção para expansão da nossa produção de minério de ferro, com baixo custo e alta qualidade.

Começamos a construir o negócio de fertilizantes com o objetivo de atingir a liderança global em alguns anos, adquirindo em 2009 projetos de potássio na Argentina e Canadá, e neste ano dois ativos de classe mundial no Brasil, as operações de fosfato da Bunge por US\$ 1,65 bilhão e 78,9% da Fosfértil, a maior produtora de nutrientes de fertilizantes do Brasil por US\$ 4,0 bilhões.

Apesar de possuímos ativos de classe mundial de bauxita e alumina, a falta de acesso a fontes de energia de baixo custo é uma das maiores barreiras para a expansão da nossa capacidade produtiva de alumínio primário, que ainda é baixa. Assim, após a venda dos ativos da Valesul, entramos numa transação para transferir para a Norsk Hydro ASA (Hydro) nossas participações em fundição de alumínio (Albras), refino de alumina (Alunorte e CAP) e mineração de bauxita (Paragominas e direitos minerários) por US\$ 1,4 bilhão e 22% do capital da Hydro, além disso, a Hydro assumirá uma dívida líquida de US\$ 700 milhões.

A Vale também vendeu algumas operações de *downstream* de níquel e manganês/ferro ligas e está em processo de desinvestir os ativos de caulim (PPSA e CADAM).

INVESTIMENTO REALIZADO POR CATEGORIA						
<i>US\$ milhões</i>	1T09	%	4T09	%	1T10	%
Crescimento orgânico	1.303	76,0	2.232	73,2	1.725	79,9
Projetos	1.121	65,4	1.923	63,1	1.540	71,4
P&D	182	10,6	309	10,1	185	8,6
Sustentação das operações existentes	411	24,0	817	26,8	433	20,1
Total	1.714	100,0	3.049	100,0	2.158	100,0

INVESTIMENTO REALIZADO POR ÁREA DE NEGÓCIO						
<i>US\$ milhões</i>	1T09	%	4T09	%	1T10	%
Minerais ferrosos	360	21,0	843	27,6	565	26,2
Minerais não ferrosos	726	42,4	983	32,3	624	28,9
Logística	317	18,5	663	21,7	471	21,8
Carvão	88	5,1	199	6,5	206	9,5
Energia	87	5,1	203	6,7	131	6,1
Aço	64	3,7	26	0,9	30	1,4
Outros	72	4,2	132	4,3	131	6,1
Total	1.714	100,0	3.049	100,0	2.158	100,0

▼ **Descrição dos principais projetos**

Área	Projeto	Orçamento US\$ milhões		Status
		2010	Total	
Minerais Ferrosos/Logística	Carajás - adicional 30 Mtpa	480	2.478	Este projeto adicionará 30 Mtpa à capacidade atual. O projeto compreende investimentos na instalação de uma nova planta composta por nova usina de britagem primária, unidades de beneficiamento e classificação e investimentos significativos em logística. Previsão de start-up para 1S12, dependendo da concessão de licenças ambientais.
	Vargem Grande - Itabiritos	162	1.259	Projeto do Sistema Sul que adicionará 10 Mtpa de minério de ferro à capacidade atual. Compreende investimentos numa nova planta de beneficiamento, que receberá minério de baixo teor das minas de Abóboras. Previsão de start-up para 2S13.
	Conceição - Itabiritos	184	1.174	Projeto do Sistema Sudeste que adicionará 12 Mtpa de minério de ferro à capacidade atual. Compreende investimentos numa nova planta de concentração, que receberá ROM da mina de Conceição. Previsão de start-up para 2S13.
	Carajás Serra Sul (mina S11D)	1.126	11.297	Localizado na serra sul de Carajás, no estado do Pará, este projeto terá capacidade de produzir 90 Mtpa. Conclusão prevista para 2S13 sujeita a obtenção de licenças ambientais. O projeto ainda está sujeito à aprovação do Conselho de Administração.
	Apolo	38	2.509	Projeto no Sistema Sudeste com capacidade de produção de 24 Mtpa de minério de ferro. Start-up previsto para 1S14, sujeito às condições de mercado. O projeto ainda está sujeito à aprovação do Conselho de Administração.
	Omã	484	1.356	Projeto de construção de uma usina de pelotização no distrito industrial de Sohar, Omã, no Oriente Médio, para a produção de 9 Mtpa de pelotas de redução direta e centro de distribuição com capacidade de movimentação de 40 Mtpa. O início de operação está previsto para o 2S10.
	Tubarão VIII	122	636	Planta de pelotização a ser construída no complexo de Tubarão, no estado do Espírito Santo, com capacidade de produção de 7,5 Mtpa. Previsão de start-up para 2S12.
	Teluk Rubiah	98	900	Projeto que compreende a construção de terminal marítimo que receberá navios de 400.000 dwt e centro de distribuição com capacidade de movimentação de até 30 Mtpa de minério de ferro em sua primeira fase, com possibilidade de expansão para até 90 Mtpa no futuro. O start-up está previsto para o 1S13. O projeto está sujeito à aprovação do Conselho de Administração.

Minerais Não Ferrosos	Onça Puma	510	2.646	Projeto com capacidade nominal de produção de 58.000 tpa de níquel contido em ferro-níquel, seu produto final. Previsão de start-up para 2S10.
	Totten	146	362	Mina em Sudbury, Canadá, que visa produzir 8.200 tpa de níquel, além de cobre e metais preciosos como subprodutos. O projeto está sendo implantado e a conclusão está prevista para 1S11.
	Long-Harbour	441	2.821	Planta de processamento de níquel na província de Newfoundland and Labrador, Canadá, para produzir 50.000 toneladas métricas de níquel refinado por ano, e até 5.000 toneladas métricas de cobre e 2.500 toneladas métricas de cobalto, utilizando o concentrado da mina Ovoid no complexo de Voisey's Bay. O start-up está programado para 1S13.
	Tres Valles	27	109	Localizado na região de Coquimbo, no Chile, tem capacidade de produção de 18.000 tpa de cobre catodo. Conclusão prevista para o 2S10.
	Salobo	600	1.808	O projeto terá capacidade de produção anual de 100.000 toneladas métricas de cobre contido em concentrado. Implantação em andamento, com obras civis iniciadas. Conclusão prevista para o 2S11.
	Expansão Salobo	66	1.025	O projeto ampliará capacidade de produção anual da mina de Salobo de 100.000 para 200.000 toneladas métricas de cobre contido em concentrado. Conclusão estimada para 2S13.
	Konkola North	50	145	Mina subterrânea, localizada no cinturão do cobre na Zâmbia, com capacidade nominal de produção estimada em 44.000 tpa de cobre contido em concentrado. Este projeto é parte de uma parceria 50/50 com a ARM na África. Nós iniciaremos seu desenvolvimento no 2S10 e a conclusão deste projeto, ainda sujeito à aprovação do Conselho de Administração, está prevista para 2013.
	Bayóvar	219	566	Mina a céu aberto no Peru com capacidade nominal de produção de 3,9 Mtpa de rocha fosfática. Projeto em implantação com previsão de conclusão para 2S10.
	Rio Colorado	304	4.118	O projeto compreende o desenvolvimento de uma mina com capacidade nominal inicial de 2,4 Mtpa de potássio – KCl, com potencial de expansão para 4,35 Mtpa, construção de ramal ferroviário de 350 km, instalação portuária e termoelétrica. A previsão de start-up é para 2S13. Este projeto está sujeito à aprovação do Conselho de Administração.
	Carvão	Moatize	595	1.322
Energia	Estreito	186	703	A usina hidrelétrica do Estreito, no rio Tocantins, entre os estados do Maranhão e Tocantins, já obteve licença de implantação e encontra-se em construção. A Vale possui participação de 30% no consórcio que construirá e operará a usina que terá capacidade instalada de 1.087 MW. A conclusão está prevista para 2S10.

Karebbe	126	410	Usina hidrelétrica de Karebbe na Indonésia tem como objetivo o suprimento de 130 MW para as operações da Indonésia, visando redução de custo de produção por substituição do uso de óleo e permitindo a potencial expansão da produção para 90.000 tpa de níquel em <i>matte</i> . Obras iniciadas e principais equipamentos adquiridos. A previsão de início de operação é 2S11.
Biocombustível	55	407	Consórcio com Biopalma para investir em biodiesel para suprir nossas operações de mineração e logística na região Norte do Brasil, usando a mistura B20 (20% de biodiesel e 80% de diesel), a partir de 2014. A participação da Vale no consórcio é de 41%. Nosso <i>take</i> na produção de óleo será consumido pela nossa planta de biodiesel, com capacidade estimada em 160.000 tpa de biodiesel.

✓ O DESEMPENHO DOS SEGMENTOS DE NEGÓCIOS

▪ Minerais ferrosos

No 1T10 os embarques de minério de ferro e pelotas totalizaram 66,802 milhões de toneladas métricas, 4,3% abaixo do último trimestre. O volume de venda de minério de ferro somou 56,636 milhões de toneladas métricas, 6,5% inferior ao 4T09, enquanto o de pelotas atingiu 10,166 milhões de toneladas métricas, 10,2% acima do 4T09.

Enquanto que os embarques de pelotas cresceram devido ao aumento de utilização da capacidade produtiva, a performance do minério de ferro foi influenciada negativamente por três fatores: (a) menor produção de minério de ferro devido à sazonalidade; (b) baixo nível de descarga nos terminais marítimos de Itaguaí e Ilha de Guaíba, ambos no estado do Rio de Janeiro, em função das fortes chuvas, (c) paralisações no carregamento de navios devido a manutenção dos viradores de vagões e equipamentos relacionados a descarga no terminal marítimo Ponta da Madeira.

Ao mesmo tempo, como resultado da forte e ampla recuperação na demanda global de minério de ferro, houve um rebalanceamento da composição de nossas vendas de minério de ferro por destino, com a China reduzindo sua participação para 42,1% no 1T10 contra o pico de 66,3% atingido no 1T09.

Na transição para a operação a plena capacidade, duas minas de minério de ferro - Jangada e Mar Azul - retomaram a produção, assim como as plantas de pelotização de Fábrica e São Luís no 1T10.

As receitas geradas com a venda de minério de ferro totalizaram R\$ 6,661 bilhões, 12,0% acima do 4T09, influenciadas pelo aumento nos preços de venda. O aumento de preço no 1T10 foi função da transição para o novo sistema de preço descrito no Box “Precificação do minério de ferro: para um mercado mais eficiente”.

As receitas com embarque de pelotas foram R\$ 1,767 bilhão, 46,5% acima do 4T09. O aumento no volume vendido e nos preços de venda contribuíram para este aumento.

Vale ressaltar que as receitas são líquidas de custo de frete marítimo, com isso os preços CFR são comparáveis com a média dos preços FOB. No 1T10, a Vale vendeu 11,8 milhões de toneladas métricas de minério de ferro e pelotas na base CFR, contra 6,8 milhões no 4T09.

O volume vendido de manganês no 1T10 atingiu 189 mil toneladas métricas, com uma redução de 50,9% em relação ao 4T09, de 385 mil toneladas métricas. As receitas com a venda de minério de manganês atingiram R\$ 104 milhões ante R\$ 111 milhões no 4T09.

As vendas de ferro ligas totalizaram 97 mil toneladas métricas, acima do 4T09 de 64 mil toneladas métricas. As receitas de ferro ligas alcançaram R\$ 236 milhões, contra R\$ 198 milhões no 4T09.

As vendas de minerais ferrosos – minério de ferro, pelotas, manganês e ferro ligas – geraram uma receita de R\$ 8,794 bilhões no 1T10, um acréscimo de 16,7% em relação aos R\$ 7,532 bilhões no 4T09.

A margem EBIT para o segmento de minerais ferrosos foi de 50,6% no 1T10, ante 37,7% no 4T09.

O EBITDA no 1T10 totalizou R\$ 5,005 bilhões, 47,5% acima do trimestre anterior.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS FERROSOS						
VOLUME VENDIDO						
<i>mil toneladas</i>	1T09	4T09	1T10			
Minério de ferro	49.993	60.597	56.636			
Pelotas	3.342	9.221	10.166			
Total	53.335	69.818	66.802			
Manganês	60	385	189			
Ferro ligas	53	64	97			
VENDAS DE MINÉRIO DE FERRO E PELOTAS POR DESTINO						
<i>milhões de toneladas</i>	1T09	%	4T09	%	1T10	%
Ásia	43,6	81,7	44,3	63,5	41,6	62,2
China	35,4	66,3	31,2	44,7	28,1	42,1
Japão	4,3	8,1	8,4	12,0	8,7	13,0
Coréia do Sul	3,2	6,0	2,4	3,5	2,8	4,1
Asia Emergente (ex China)	0,7	1,3	2,2	3,2	2,0	3,0
Europa	5,1	9,5	13,0	18,6	13,4	20,1
Alemanha	1,7	3,3	4,5	6,5	4,7	7,1
Reino Unido	1,6	3,0	1,1	1,6	1,8	2,8
França	0,3	0,6	2,0	2,9	1,1	1,7
Itália	0,7	1,2	2,1	3,0	1,8	2,7
Outros	0,8	1,5	3,3	4,7	3,9	5,9
Brasil	3,3	6,2	8,1	11,6	8,2	12,2
EUA	-	-	-	-	-	-
Resto do Mundo	1,3	2,5	4,4	6,3	3,7	5,5
Total	53,3	100,0	69,8	100,0	66,8	100,0
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO						
<i>R\$ milhões</i>	1T09	4T09	1T10			
Minério de ferro	7.266	5.948	6.661			
Serviços de operação de usinas de pelotização	4	6	6			
Pelotas	865	1.206	1.767			
Manganês	34	111	104			
Ferro ligas	179	198	236			
Outros	25	63	20			
Total	8.373	7.532	8.794			
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS						
	1T09	4T09	1T10			
Margem EBIT (%)	58,5	37,7	50,6			
EBITDA (R\$ milhões)	5.298	3.393	5.005			

▪ Minerais não ferrosos

O desempenho do segmento de minerais não ferrosos continuou a ser negativamente impactado pela greve em Sudbury e Voisey Bay.

As receitas com minerais não ferrosos alcançaram R\$ 2,983 bilhões no 1T10, sendo inferior em R\$ 273 milhões às do 4T09. O efeito da elevação dos preços – R\$ 200 milhões – foi mais do que compensado pela redução do volume de vendas, R\$ 575 milhões.

A Vale está executando planos para aumentar a produção de níquel nas operações que estão em greve. Em Voisey Bay, retomamos a produção da mina de Ovoid e na planta de processamento que fornece concentrado de níquel às nossas operações em Thompson e Sudbury. Voisey Bay está operando em intervalos de duas semanas alternadamente. Em Sudbury, estamos operando as minas de Coleman e Garson, a planta de processamento de Clarabelle e um forno do *smelter* de Copper Cliff para a produção de óxido de níquel em *matte* destinado à nossa refinaria de Clydach com capacidade de 40.000 toneladas métricas de níquel.

No 1T10, as vendas de níquel geraram receitas de R\$ 1,236 bilhão, contra R\$ 1,289 bilhão no 4T09. Os volumes menores foram responsáveis pela diminuição da receita de R\$ 246 milhões, enquanto que o maior preço médio do níquel causou um aumento de R\$ 151 milhões.

O total de embarques de níquel refinado foi de 34 mil toneladas métricas no 1T10, registrando decréscimo de 17,1% com relação ao 4T09, uma vez que tínhamos menores estoques disponíveis. Os embarques de níquel para a Ásia totalizaram 27 mil toneladas métricas, representando 78,0% do volume total de embarques, contra 73,7% no último trimestre. A América do Norte representou 16,7% e a Europa 5,3%.

As receitas com as vendas de bauxita, alumina e alumínio foram de R\$ 1,117 milhões, 0,8% acima do 4T09.

No 1T10, vendemos 106 mil toneladas métricas de alumínio, ante 121 mil no 4T09¹⁰ e 1,181 milhão de toneladas métricas (Mt) de alumina, contra 1,283 Mt no 4T09. Além de variação por conta do nosso plano de embarques, a Albrás sofreu pequenas paralisações em virtude de problemas energéticos.

As vendas de cobre totalizaram R\$ 410 milhões, comparadas a R\$ 569 milhões no 4T09. Ambos os efeitos de menor volume vendido (de 46 mil toneladas métricas no 4T09 para 33 mil toneladas métricas) e menores preços de venda contribuíram para esse desempenho.

Dada a menor produção e vendas, as receitas dos metais do grupo da platina (PGMs) e cobalto atingiram apenas R\$ 1 milhão e R\$ 9 milhões, respectivamente.

As vendas de potássio geraram receita de R\$ 118 milhões, contra R\$ 188 milhões no trimestre anterior. Os menores volumes vendidos, 157 mil toneladas métricas no 1T10 versus 266 mil toneladas métricas no 4T09, refletiram a queda na produção determinada pelo menor teor do minério.

No 1T10, as receitas de caulim somaram R\$ 78 milhões, contra R\$ 84 milhões no 4T09, influenciadas pelo menor volume de vendas.

A margem EBIT para minerais não ferrosos permaneceu negativa, atingindo -4,7% contra -17,4% no 4T09. A influência da capacidade ociosa em nossas operações de níquel continuou a afetar o desempenho desse segmento.

O EBITDA de não ferrosos totalizou R\$ 586 milhões no 1T10 versus R 372 milhões no 4T09.

¹⁰ Desde o 2T09, os dados do volume de vendas de alumínio incluem tarugos produzidos pela Valesul em adição aos lingotes de alumínio (alumínio primário) produzido por nosso *smelter* de alumínio da Albrás.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE MINERAIS NÃO FERROSOS**VOLUME VENDIDO**

<i>mil toneladas</i>	1T09	4T09	1T10
Cobre	66	46	33
Níquel	59	41	34
Cobalto	636	208	151
Metais preciosos (onça troy)	710	31	142
PGMs (onça troy)	92	2	-
Potássio	105	266	157
Caulim	179	224	187
Bauxita	665	992	1.027
Alumina	1.257	1.283	1.181
Alumínio primário	127	130	114

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	1T09	4T09	1T10
Níquel	1.477	1.289	1.236
Cobre	546	569	410
Caulim	91	84	78
Potássio	150	188	118
PGMs	123	2	1
Metais preciosos	66	5	14
Cobalto	30	11	9
Alumínio primário	450	452	475
Alumina	567	603	595
Bauxita	54	53	47

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS

	1T09	4T09	1T10
Margem EBIT (%)	(16,8)	(17,4)	(4,7)
EBITDA (R\$ milhões)	322	372	586

- **Carvão**

A receita com as operações de carvão totalizou R\$ 228 milhões no 1T10, um pouco inferior aos R\$ 237 milhões registrados no 4T09. R\$ 112 milhões foram originados das vendas de carvão térmico e R\$ 116 milhões de carvão metalúrgico.

No 1T10, os embarques de carvão alcançaram 1,536 milhão de toneladas métricas, sendo 17,9% menor que último trimestre, que foi de 1,871 milhão de toneladas métricas. Os embarques de carvão no 1T10 foram compostos por 912.000 toneladas métricas de carvão térmico – vs. 1,124 Mt no 4T09 - e 624.000 toneladas métricas de carvão metalúrgico – vs. 747.000 no 4T09.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE CARVÃO**VOLUME VENDIDO**

<i>mil toneladas</i>	1T09	4T09	1T10
Carvão térmico	430	1.124	912
Carvão metalúrgico	546	747	624

RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO

<i>R\$ milhões</i>	1T09	4T09	1T10
Carvão térmico	80	112	112
Carvão metalúrgico	230	125	116

INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	1T09	4T09	1T10
Margem EBIT (%)	19,8	(47,6)	(31,9)
EBITDA (R\$ milhões)	102	68	(4)

▪ Serviços de logística

No 1T10, os serviços de logística geraram receita de R\$ 725 milhões, contra R\$ 722 milhões no 4T09.

Receitas de transporte ferroviário de carga geral totalizaram R\$ 588 milhões e serviços de operação portuária contribuíram com receita de R\$ 137 milhões, versus R\$ 570 milhões e R\$ 152 milhões no 4T09, respectivamente.

Nossas ferrovias – Carajás (EFC), Vitória a Minas (EFVM), Centro-Atlântica (FCA), Norte-Sul (FNS) –, bem como a participação proporcional em nossa coligada MRS, transportaram 6,166 bilhões de toneladas por quilômetro útil (tku) de carga geral para clientes no 1T10, contra 5,461 tku no trimestre anterior. O aumento foi influenciado principalmente pelo transporte de produtos agrícolas e produtos siderúrgicos.

Nossos portos e terminais marítimos movimentaram 4,609 milhões de toneladas métricas de carga geral, contra 6,108 milhões no trimestre anterior.

A margem EBIT reduziu para 7,4% no 1T10, ante 10,2% no 4T09.

O EBITDA alcançou R\$ 142 milhões no 1T10, ante R\$ 220 milhões no 4T09, devido em grande parte aos menores preços médios realizados.

DESEMPENHO DO SEGMENTO DE LOGÍSTICA			
SERVIÇOS DE LOGÍSTICA			
	1T09	4T09	1T10
Ferrovias (milhões de tku)	5.072	5.461	6.166
Portos	3.929	6.108	4.609
RECEITA OPERACIONAL POR PRODUTO			
R\$ milhões	1T09	4T09	1T10
Ferrovias	513	570	588
Portos	98	152	137
Total	611	722	725
INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS			
	1T09	4T09	1T10
Margem EBIT (%)	(9,3)	10,2	7,4
EBITDA (R\$ milhões)	157	220	142

▼ INDICADORES FINANCEIROS SELECIONADOS DAS PRINCIPAIS EMPRESAS NÃO CONSOLIDADAS

Indicadores financeiros selecionados das principais empresas não consolidadas estão disponíveis nas demonstrações contábeis trimestrais da Vale, no *website* da Companhia, www.vale.com/investidores/resultados e informações financeiras.

▪ TELECONFERÊNCIA / WEBCAST

No dia 06 de maio de 2010, quinta-feira, será realizada conferência telefônica e *webcast* às 11:00 horas, horário do Rio de Janeiro, 10:00 horas EST dos EUA, e às 15:00 horas GMT. Os telefones para conexão são:

Participantes do Brasil: (55 11) 4688-6341

Participantes dos EUA: (1-800) 860-2442

Participantes de outros países: (1-412) 858-4600

Código de acesso: VALE

A instrução para participação nesses eventos está disponível no *website* da Vale, www.vale.com/investidores. Uma gravação da teleconferência/ *webcast* estará disponível no *website* da Vale durante o período de 90 dias posteriores ao dia 06 de maio de 2010.

▼ INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADO			
<i>R\$ milhões</i>	1T09(a)	4T09(a)	1T10
Receita operacional	13.179	12.048	13.029
Impostos	(263)	(367)	(446)
Receita operacional líquida	12.916	11.681	12.583
Custo dos produtos vendidos	(6.875)	(7.201)	(6.635)
Lucro bruto	6.041	4.481	5.948
Margem bruta (%)	46,8%	38,4%	47,3%
Despesas operacionais	(1.890)	(2.213)	(1.924)
Vendas	(129)	(116)	(87)
Administrativas	(435)	(580)	(479)
Pesquisa e desenvolvimento	(441)	(522)	(314)
Outras despesas operacionais, líquidas	(885)	(995)	(1.044)
Lucro operacional antes do resultado financeiro e de participações societárias	4.151	2.268	4.025
Resultado de participações societárias	13	22	7
Equivalência patrimonial	13	22	7
Resultado financeiro líquido	(363)	(367)	(1.337)
Lucro operacional	3.801	1.923	2.695
Ganho na venda de ativos	-	(331)	-
Lucro antes do Imposto de Renda e Contribuição Social	3.801	1.592	2.695
IR e contribuição Social	(759)	1.184	353
Resultado das operações descontinuadas	-	-	(224)
Participações minoritárias	108	(68)	55
Lucro líquido	3.150	2.708	2.879
Lucro líquido por ação	0,49	0,59	0,54

BALANÇO PATRIMONIAL - CONSOLIDADO		
<i>R\$ milhões</i>	4T09(a)	1T10
Ativo		
Circulante	36.765	39.787
Realizável a longo prazo	10.995	10.770
Permanente	129.978	133.781
Total	177.738	184.338
Passivo		
Circulante	17.473	19.465
Exigível a longo prazo	58.699	59.074
Outros	5.807	5.793
Patrimônio líquido	95.758	100.006
Capital social	47.434	47.434
Reservas	52.609	55.421
Notas obrigatoriamente conversíveis em ADRs	4.587	4.587
Ajustes de avaliação patrimonial	(8.872)	(7.437)
Total	177.738	184.338

FLUXO DE CAIXA			
R\$ milhões	1T09(a)	4T09(a)	1T10
Fluxos de caixa provenientes das operações:			
Lucro líquido do período	3.041	2.776	2.824
Ajustes para reconciliar o lucro líquido do período com recursos provenientes das atividades operacionais:			
Resultado de participações societárias	(13)	(22)	(7)
Resultado na venda de ativos	-	331	-
Resultado das operações descontinuadas	-	-	224
Depreciação, exaustão e amortização	1.297	1.449	1.360
Imposto de renda e contribuição social diferidos	(398)	(335)	(865)
Despesas financeiras e variações monetárias e cambiais líquidas	362	(1.812)	(188)
Baixa na alienação de bens do imobilizado	162	177	194
Perdas líquidas não realizadas com derivativos	(44)	(367)	401
Outros	(33)	(80)	244
Contas a receber	1.007	565	(1.482)
Estoques	504	(186)	(436)
Adiantamento a fornecedores de energia	16	-	-
Tributos a Recuperar	(165)	(820)	(10)
Outros	(258)	82	567
Fornecedores e empreiteiros	(728)	1.375	146
Salários e encargos sociais	(341)	179	(521)
Tributos e Contribuições	312	(292)	(158)
Outros	(108)	(333)	172
Recursos líquidos provenientes das atividades operacionais	4.613	2.687	2.465
Fluxos de caixa provenientes das atividades de investimento:			
Aplicações financeiras	(2.054)	1.585	6.503
Empréstimos e adiantamentos	(65)	(73)	17
Garantias e depósitos	(52)	12	(83)
Adições em investimentos	(166)	(2.032)	(50)
Adições ao imobilizado	(3.683)	(4.895)	(3.354)
Caixa líquido utilizado na aquisição e aporte em subsidiárias	(2.134)	-	-
Recursos provenientes da alienação de bens do imobilizado/investimentos	-	293	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de investimento	(8.154)	(5.110)	3.033
Fluxos de caixa provenientes das atividades de financiamento:			
Empréstimos e financiamentos de curto prazo (captações líquidas)	(46)	5	(31)
Empréstimos e financiamentos de longo prazo	541	2.874	2.005
Pagamentos:			
Instituições financeiras	(241)	(118)	(463)
Juros sobre capital próprio pagos a acionistas	-	(2.647)	(2)
Ações em tesouraria	(24)	-	-
Recursos líquidos utilizados nas atividades de financiamento	230	114	1.509
Aumento (diminuição) de caixa e equivalentes	(3.310)	(2.310)	7.007
Caixa e equivalentes no início do período	24.639	15.561	13.221
Efeito de variações da taxa de câmbio no caixa e equivalentes	(9)	(30)	39
Caixa e equivalentes no final do período	21.320	13.221	20.267
Juros de curto prazo	(36)	(23)	(8)
Juros de longo prazo	(647)	(513)	(449)
Imposto de renda e contribuição social pagos	(335)	(1.795)	(252)
Adições ao imobilizado com capitalização de juros	(134)	(103)	(83)

Esse comunicado pode incluir declarações que apresentem expectativas da Vale sobre eventos ou resultados futuros. Todas as declarações quando baseadas em expectativas futuras, e não em fatos históricos, envolvem vários riscos e incertezas. A Vale não pode garantir que tais declarações venham a ser corretas. Tais riscos e incertezas incluem fatores relacionados a: (a) países onde temos operações, principalmente Brasil e Canadá, (b) economia global, (c) mercado de capitais, (d) negócio de minérios e metais e sua dependência à produção industrial global, que é cíclica por natureza, e (e) elevado grau de competição global nos mercados onde a Vale opera. Para obter informações adicionais sobre fatores que possam originar resultados diferentes daqueles estimados pela Vale, favor consultar os relatórios arquivados na Comissão de Valores Mobiliários – CVM, na Autorité des Marchés Financiers (AMF), e na U.S. Securities and Exchange Commission - SEC, inclusive o mais recente Relatório Anual - Form 20F da Vale e os formulários 6K.